

Os primeiros quarenta anos de rádio em Moçambique

(1932-1972)

Patrícia Lopes Bastos

Abstract

The first direct radio-telegraphic connection in short-wave communication between Moçambique and Portugal – and, according to some, also between Africa and Europe – was made on 4 May 1927. The dream of an empire, the conception of a Portuguese voice that could reach its vast dominions, had arisen years before and was gradually being achieved. The creation of the Grémio dos Radiófilos da Colónia de Moçambique, in 1932, was one of the biggest steps in its striving to fulfil this dream. With this article, divided in two parts (historical and cultural), we hope to contribute for the understanding of the development of radio in Mozambique, as well as to provide a clear illustration of an epoch.

Introdução

Este artigo é resultante de uma investigação iniciada em Maputo, antiga Lourenço Marques, capital de Moçambique, e foi elaborado com base em testemunhos orais (salientamos Carlos Silva, a quem se agradece todo o apoio prestado), em documentos e em publicações, das quais se destaca a revista *Rádio Moçambique*, propriedade do *Grémio dos Radiófilos da Colónia de Moçambique*, mais tarde denominado *Rádio Club de Moçambique* (entidade a que também se agradece por ter facilitado a consulta do seu centro de documentação). Tendo como objectivo principal ser-se claro na ilustração de uma época, optou-se, quando possível, pela transcrição de textos seleccionados que, para além de contribuírem para o conhecimento directo da evolução da rádio em Moçambique, retratam naturalmente o modo de pensar e de viver do período em estudo. Propomo-nos a compreensão do percurso histórico e do desenvolvimento da radiodispersão, numa primeira parte, e da importância cultural, observando a programação e focando a projecção musical em particular, numa segunda parte, a ser publicada no próximo número desta revista.

1ª Parte – E no princípio fez-se som

«PORTUGAL... O mundo era grande, imenso, desconhecido... Eram grandes as distâncias. Ansiosa de aventura a alma portuguesa demandava longamente o horizonte e depois de outro horizonte mais outro ainda, insaciável... Ganhou-se o mundo inteiro e cobriu-se a Terra de padrões e glória. Passaram séculos. Portugal traçara o seu destino escrevendo na rocha dos cinco continentes as letras do seu nome. Ficaram longínquos os pontos demarcados, assinalando o círculo eterno da sua eterna história, do seu lugar no mundo. Sílabas dispersas de uma palavra grande! Mas a hora do Império foi chegando e veio. Das margens de onde largou outrora o sonho magnífico, Carmona, trazendo consigo a fé dos mortos e dos vivos, mensageiro da raça, parte pelo mundo na ronda do Império, a passar revista às almas, aos corações... E os mortos gritam: "Sentinela alerta!" E os vivos respondem: "Alerta está!" ...e pelo mundo fora, dos vivos e dos mortos, acorrem multidões à formatura, almas e corações, e Carmona passa reunindo as sílabas dispersas de uma palavra enorme: PORTUGAL!»ⁱⁱⁱ

Um destino. O Rádio Club de Moçambique (RCM) era um representante, um difusor, uma presença da "alma portuguesa" numa terra distante geográfica e culturalmente. Bem explícitas são as bases da regulamentação da Radiodifusão na Colónia^{iv}, podendo ler-se no preâmbulo: *«Porque é verdade – é de justiça salientar os bons serviços pelo actual posto emissor do Rádio Club de Moçambique, em perfeita, leal e honesta cooperação com os serviços do Governo, mantendo sempre uma patriótica defesa dos interesses da Colónia, a Bem da Nação.»*

A aventura radiofónica moçambicana começou, por volta de 1924, com o pasmo causado por uma excelente captação de ruídos, descritos como o *«eco, correcto e aumentado, do que anos atrás se tinha ouvido nas trincheiras da Flandres em dia de bombardeamento intenso»*^v. O pequeno receptor americano de Manuel Simões Vaz recusou-se, tentativa após tentativa, a emitir som que prestasse. Até que, como descreve o persistente proprietário: *«Numa noite, porém, uns dois ou três meses mais tarde, [...] ouviu-se Durban, e ouviu-se bem»*^{vi}. Bem,

está claro, para quem conseguia ouvir pela primeira vez. Ouvia-se distintamente um trecho de uma das mais conhecidas operetas de Gilbert [e] Sullivan. Tinha-se realizado o milagre! / A corrente foi cortada, os quadrantes conservados em posição, montou-se cuidadosamente um alto-falante com a forma de trombeta acústica, e convidaram-se alguns amigos para na noite seguinte irem ver e ouvir a maravilha... / Mas o diabo tece-as... Na noite seguinte os amigos compareceram cheios de curiosidade e interesse: antegozavam, possivelmente, o prazer da bela música que iam ouvir. Foi aberto o interruptor, atirada corrente das baterias para o aparelho... Fez-se silêncio. Segundos depois, em lugar da bela música radiodispersa de Durban, o alto-falante, com espanto e decepção geral, começou aos berros e aos estoiros, num barulho ensurdecedor que mais parecia o fim do mundo. Um completo fiasco!»

O número de simpatizantes dos “sons sem fios” foi aumentando, sendo formado em 23 de Julho de 1932 o *Grémio dos Radiófilos da Colónia de Moçambique*^{vii} (GRCM). De pouco antes da sua formação conta-se a história de um recém-chegado representante consular que, admirando a «*fértil e próspera Colónia*», elogiou a «*farolagem da Costa de Moçambique, melhor – dizia – que a de muitos bons países, comentando que, como já não era mais a costa negra... devia deixar de ser também o território mudo!*»^{viii} Na verdade, o amadorismo emissor já existia, embora talvez se fizesse apenas ouvir a voz de poucos por poucos^{ix}. Tinha também já sido promulgada a legislação provincial reguladora dos receptores particulares, mais abundantes. Ouviam-se emissões da União Sul-Africana, da Europa e mesmo dos Estados Unidos da América. Mas não se ouviam emissões portuguesas.

Como nos relata Domingos Barreto, um dos fundadores do GRCM: «*Nasceu naturalmente o desejo entre os rádio-ouvintes de terem música portuguesa e de ouvirem a linguagem portuguesa, emitidas por uma estação portuguesa. / Dois rádio-ouvintes iniciaram a criação do ambiente que conduziu à formação de uma instituição ou uma sociedade que pudesse montar um posto rádio-difusor. Um deles dedicava-se, desde muito novo, ao amadorismo emissor. / A tentativa não deu resultado e os dois amadores que a empreenderam desanimaram. Foram Augusto das Neves Gonçalves e Firmino José Sarmiento. / Passou tempo, e crescendo o número de rádio-ouvintes, algumas firmas vendedoras de receptores pensaram em montar de conta própria um posto rádio-difusor, mas ainda sem resultado prático. / Com Aniano Serra e outros amadores iniciou-se, de novo, um movimento tendente a criar ambiente. A ele se juntaram Augusto*

das Neves Gonçalves (já CR7AG) e Firmino Sarmiento, que realizaram várias reuniões preparatórias, a primeira das quais teve lugar nas salas do Grémio Náutico, em 5 de Junho de 1932, e ainda nesse ano fundaram o Grémio dos Radiófilos da Colónia de Moçambique, na reunião final que veio a efectuar-se em meados de Julho do mesmo ano, no Teatro Scala, vendo os seus estatutos aprovados por aivará de 23 de Julho de 1932. / O GRCM, ao cabo de uns meses de trabalho e penosas dificuldades, principalmente financeiras, montou o seu posto de rádio-difusão experimental CR7AA e tem dado programas com a maior regularidade desde 18 de Março de 1933.»

Companheira fiel desde o momento em que foi criada, aproximadamente dois anos após a primeira emissão do GRCM, a revista *Rádio Moçambique*, que “brilhantemente” secundava e completava a acção do Grémio^{xii}, era distribuída em Portugal e suas colónias, no Brasil, na América do Norte e na África Oriental. A sua publicação estendeu-se por 441 números, de 1 de Maio de 1935 a Novembro de 1973.

Seria pouco justo descurar o relevante papel da *Rádio Moçambique*, a qual progressivamente alargou o seu leque de interesses, dos artigos de especialidade radiófila aos culturais. Para além de instruir sobre a rádio e o seu desenvolvimento, a revista servia de meio de informação para aqueles sem acesso às transmissões radiodifundidas, tanto no estrangeiro como nos locais de fraca ou inexistente captação em Moçambique. «*Desempenhou um papel educativo num meio que tanto carecia, e ainda carece, de instrumentos de cultura, e isso através de várias dificuldades e vicissitudes. Apontou os progressos do Rádio Club cujo valor marcou pela gravura e pelo texto, e sem ela errada seria a ideia dos que, por razões várias, apenas têm ouvido as suas estações. Assinalou o merecimento daqueles esforços e daquelas pessoas que têm contribuído para essa obra colonial de valor, estimulando e agradecendo. / Lutou contra algumas reticências, algumas descrenças, convenceu boas vontades, atraiu atenções, chamou ao Rádio Club muita simpatia e apoio material.*»^{xiii}

A *Rádio Moçambique*, que ganhou o “Diploma de Honra” na Exposição Internacional de Publicações, realizada em Cuba, em 1937, e a que concorreram 1.047 publicações, registava História: da radiodispersão, da vida em Moçambique e, de forma alargada, também do mundo. A título de exemplo, na revista n. 13, de Junho de 1936, observando-se na capa *With an English Supplement for our readers of South Africa and Rhodesia*^{xiv}, aparecem na página quatro e cinco, encabeçadas

pela cruz suástica, as fotografias dos locutores da Zeesen, «na opinião de muita gente a melhor estação de ondas curtas da Europa e, sem dúvida nenhuma, uma das que melhor se ouvem em África»^{xv}, que transmitia de Berlim.

Como outro exemplo, uma passagem do discurso do Cônsul de Itália em Lourenço Marques, emitido em 1937, numa das sessões especiais dedicadas às colónias estrangeiras residentes em Moçambique, revela claramente a sua posição: «Italianos! Ao deixar-vos, [nesta emissão,] desejo que até vós todos chegue a minha fraterna saudação fascista – a vós todos e a vossas famílias; e não esqueçais que hoje mais que nunca, os italianos espalhados pelo mundo inteiro estão unidos numa só esperança, numa só fé: a grandeza de Itália restabelecida pelo nosso Rei Imperador e pelo nosso muito querido Duce.»^{xvi}

Voltando a 1936, em Agosto é publicado um artigo (não assinado) sobre “Os alemães e a rádio técnica”^{xvii}, em que quem escreve aponta que «não pode [...] aprovar os alemães em política ou programas internacionais porque não concorda com os seus intuitos guerreiros», mas permite-se prestar-lhes homenagem pelo «titânico esforço realizado pela técnica alemã durante os jogos olímpicos, [...] o que de maior e melhor se fez até hoje em rádio dispersão». O autor descreve em pormenor o gigantesco trabalho germânico, sem antes deixar de apontar: «A propaganda obtida pela Alemanha, com estas emissões, representa e equivale ao esforço de uma legião de diplomatas durante meses... / Mas Portugal, ou antes: Moçambique ainda continua a considerar a Rádio um assunto de somenos importância. Fenómeno inexplicável, e tanto mais inexplicável que se revela em homens que noutras actividades de inteligência têm revelado um lúcido e largo raio de visão.»

Houve, contudo, progresso. Os desejos de expansão de uma instituição são muitas vezes acima do realizável; por outro lado, nem sempre se faz o que é possível. Seja como for, mesmo menor ou lento, o desenvolvimento existe. Em Dezembro de 1936, decorridos portanto apenas cerca de quatro anos e meio desde a fundação do GRCM, o presidente da direcção, António de Sousa Neves, faz o “Balanço Oportuno”^{xviii}, reiterando o «valioso benefício que a CR7AA representa para os portugueses perdidos no isolamento do mato, e da séria e eficiente propaganda de Moçambique, feita pela emissora do Grémio, na União Sul Africana, Rodésias e Niassalândia. / Sob o último aspecto, não é demais insistir em que todos os dias dezenas de cartas provenientes daquelas regiões, exaltam, em termos calorosos, a nossa estação e os seus programas;

as firmas vendedoras de aparelhos de rádio, – no Transvaal, pelo menos, – referem que os compradores exigem, como prévia condição, que os receptores lhes permitam ouvir Lourenço Marques; está ali geralmente avaliado em 70% o número de ouvintes que prefere as emissões da CR7AA a quaisquer outras; e a própria Imprensa, com notável independência, tem apontado o exemplo da pequena estação portuguesa como precioso ensinamento a seguir. / Conquistada a popularidade entre os nossos vizinhos, trabalhou o Grémio por tirar dela os seus frutos. / Adoptou a locução inglesa, a par da nacional, deu predomínio, na organização dos programas, à música portuguesa, restringiu tanto quanto possível o palavrório que, regra geral, aborrece os rádio-ouvintes, – e, ao mesmo tempo, empenhou-se por atrair anúncios do comércio da União Sul-Africana, agora em franca prosperidade, e, por isso mesmo, habilitado a remunerar melhor e a despendar mais com a propaganda dos seus produtos.»

Num artigo intitulado “Good Evening, ladies and gentlemen”^{xix}, podemos ler sobre a importância que as emissões traduzidas para inglês tiveram na divulgação da cultura portuguesa/moçambicana na África oriental: «O Grémio dos Radiófilos por intermédio da sua estação emissora foi para eles uma revelação e uma descoberta: descobriram a alma portuguesa e os seus costumes, as suas belezas e a sua graça, encantados por todo esse mundo estranho vivendo ao pé da sua porta e reconheceram com pasmo que nem só de vinho do Porto é feito o português. / Essa alta missão de propaganda nacional foi levada a cabo pelo Grémio dos Radiófilos. / Dessa propaganda nasceu para nós uma corrente de simpatia unânime e o reconhecimento formal do que valemos e do que somos. / Dessa propaganda nasceu também o desejo de nos conhecer de vista e uma grande parte do turismo que tem batido às nossas portas é devido ao Grémio dos Radiófilos. / Apesar das numerosas estações existentes na África do Sul a nossa estação é tão escutada que se tem dado a circunstância de vários Clubs elegantes de Durban, por exemplo, anunciarem bailes que lá se realizam e fazerem os seu convites à população de lá, por intermédio da nossa estação daqui... / Desta popularidade e deste favor do público Sul Africano, nasceu a necessidade para o industrial e comerciante da União de recorrer a nós para os seus anúncios e assim é que o Grémio está obtendo por esse meio os recursos que lhe têm permitido, e permitirão cada vez mais, desenvolver a radiodispersão na Colónia, os seus meios de acção e de propaganda nacionais.»

A popularidade da emissão laurentina^{xx} desde os seus primeiros anos é incontestável, como nos provam documentos vários e recortes em periódicos^{xxi}. Nos seus 25 anos transmitia «*muitas vezes simultaneamente, por canais diferentes, cinco idiomas: português, francês, inglês, africande e ronga*»^{xxii}. A expansão extra-fronteiras, apesar de fundamental para a angariação de fundos que possibilitariam o engrandecimento do GRCM, levou a uma certa apreensão quanto ao domínio da rádio pelos mais poderosos países vizinhos. Citando novamente António de Sousa Neves^{xxiii}: «*Perante esta lamentável corrente de opinião, cumpre-nos definir a situação do Grémio, sem preocupações xenófobas, nem grotescos patriotinheirismos. / O Grémio é a resultante das aspirações, trabalho e donativos dos Colonos de Moçambique, no propósito de suprir uma necessidade pública, desbravando o campo que o Estado deverá utilizar amanhã, quando se decidir a explorar por si os serviços radiofónicos. / Nessa altura, o Grémio, sem constrangimento algum, entregará ao Estado gratuitamente o que de direito lhe pertence, – maquinarias, instalações, fontes de receita criadas, e as ondas conquistadas a tempo nas disputadas bandas do éter, – com a isenção de quem honestamente depõe um mandato de soberania, que tacitamente lhe foi confiado. [...] Já por esta razão, se compreende que não vejamos de bom grado que gente estranha, para seu regalo económico, tente absorver, – ou aniquilar, o que é o mesmo, – o que o Grémio criou para ser usufruído pelo Estado, ou por instituições essencialmente portuguesas, de fim ideal, e não lucrativo. / A música portuguesa e a propaganda da Colónia haveriam de se ressentir sempre do domínio nas empresas concessionárias do capital estrangeiro; e no dia em que o Estado pretendesse votar-se directamente à radiofonia, suscitar-se-ia a questão das pesadas indemnizações, como recentemente sucedeu na África do Sul.*»

A propósito dos projectos em curso, continua António de Sousa Neves: «*Consoante as melhores opiniões, o equipamento radiofónico de Moçambique deve consistir em duas emissoras pequenas para servirem a Colónia e uma outra, potente, de 10 ou 15 kw. para assegurar a sua ligação com a Metrópole, e para a propaganda na Europa, Brasil e América do Norte. / A primeira parte desse programa está realizada. Chegou há dias a segunda emissora do Grémio, a que se destina a servir as zonas de silêncio. / Resta a Grande Estação e as instalações de studio perfeitas. / O Grémio, com base nas receitas dos programas musicados, pode levar a cabo esses empreendimentos, dentro de um ano ou pouco mais; e não precisará da parte do Estado, senão de um exclusivo de anúncios que lhe permita firmar, com tranquilidade, os seus contractos, e da*

isenção dos direitos aduaneiros da grande emissora, os quais são superiores a mil contos. / O Estado nada desembolsaria e far-se-ia a demonstração de que também os portugueses são capazes de administrar os valores que por sua indústria criaram.»

A existência da rádio em Moçambique não se deveu a esforços estatais – em certos aspectos poder-se-á mesmo apor um “apesar” das instituições oficiais – mas sim à firmeza dos colonos interessados no que eles próprios achavam ser um meio de comunicação essencial. O Grémio lutou desde o seu início com «*inúmeras dificuldades, não somente de natureza económica, mas também por motivo das restrições que a lei vigente opunha à importação de acessórios que permitissem a construção de qualquer aparelho emissor, por mais modesto que fosse*»^{xxiv}.

Como escreve Galvão de Magalhães^{xxv}: «*Se admiro a radiodifusão e a radiofonia, que considero maravilhas do nosso século, [...] não deixo no olvido o esforço e iniciativa da meia dúzia de rapazes que criaram a CR7AA, remando contra todas as dificuldades e suportando os maiores sacrifícios. / É que, em África, costumam sucumbir as maiores energias; o clima depauperante, o egoísmo e o cepticismo derrotista, em breve colocam os espíritos mais ousados em situação de vencidos. / Imaginar, construir, organizar, são palavras que, raramente, têm significado no continente negro.*»

Os princípios foram difíceis, mesmo em termos de funcionamento como estação de rádio, sem material e sem recursos. Os programas eram limitados. Os discos eram poucos e sem variedade, oferecidos por casas comerciais do género. Havendo uma remuneração limitada para músicos profissionais, os estúdios recebiam “amadores dedicados” e ocasionalmente uma «*voz laurentina vinha animar a monotonia do nosso microfone*»^{xxvi}. O número de sócios era pequeno no início, e procedeu-se periodicamente a campanhas de angariação de novos sócios^{xxvii}. Todas as formas de investimento que aumentassem os fundos existentes (e por vezes não existentes) eram bem aceites, inclusive a famosa “Rifa Anual”, instituída em 1937 por proposta do Vice-Presidente da Direcção, Gilberto Gonçalves Túbio^{xxviii}.

Decorridos menos de quatro anos desde o início das suas transmissões radiofónicas, o GRCM possuía novas instalações, já pequenas, e, para além da colaboração de amadores que sempre tinham doado as suas horas vagas, tinha passado a existir pessoal pago distribuído por vários serviços. Cresceram de uma emissão diária para quatro, «*facto único, por*

estação particular, em todo o território do Império»^{xxxix}. As colecções de discos, agora em sala própria com armários construídos para o efeito, eram completadas e controladas diariamente. Havia também, transcorrido tão breve espaço de tempo,

grupos orquestrais e corais, e uma colaboração regular de músicos profissionais, para além dos noticiários e das crónicas e palestras sobre diversificados tópicos.

Actividade do Grémio dos Radiófilos da Colónia de Moçambique, tomando como termo de comparação três meses de cada ano.^{xxxix}

	HE	R	DP	DE	SV	SG	O
1933	70	16	70	457	0	0	8
1934	90	19	125	407	0	0	16
1935	210	81	385	803	14	15	79
1936	360	70	802	2182	38	16	54

Legenda: HE = Horas de Emissão; R = Retransmissões; DP = Discos Portugueses; DE = Discos Estrangeiros; SV = Solos Vários; SG = Solos de Guitarra; O = Orquestra.

O quadro acima descreve «o movimento do estúdio da nossa estação emissora durante os últimos anos. Por eles poderá o leitor verificar o aumento e o desenvolvimento começados a esboçar em 1935 e continuado até às portas de 1937. Se sobre 1935, 1936 acusa uma diminuição em certas facetas da nossa actividade, essa diminuição é compensada pelo aumento de outras. / Assim por exemplo os números de orquestra diminuíram por motivos de ordem económica. Essa deficiência vai ser remediada agora em 1937. / Se outras manifestações musicais também retrocederam em número, em 1936, é preciso não esquecer que outras se introduziram tais como sessões por associações locais, o Instituto Goano, Naturais da Colónia, Matinéas escolares infantis, etc.»^{xxxi}

As horas de emissão ascendiam a cerca de três milhares nos anos seguintes. O desenvolvimento e a influência cultural do RCM são-nos resumidos, em 1939^{xxxii}, por um “velho colono”, assinado *Fulano de tal*: «O nascimento do Rádio e o seu desenvolvimento deram lugar ao aumento dos amadores de música, ao aumento da venda de aparelhos e seus pertences, ao aumento do bom gosto artístico das gentes», sendo de sublinhar esta faceta educativa.

A potência das emissões, inicialmente de 30 vátios (watts), rapidamente cresceu para 250^{xxxiii}, 600, 1.200, 11.200 e para 1.019.000 em 1972. À primeira estação, CR7AA, construída em 1933, trabalhando na frequência de 6.137 quilociclos, onda de 48,88 metros, foram acrescentadas a CR7BH, de 25,60 metros, e a CR7AB, de 85,92 metros, para transmissão na colónia^{xxxiv}. Em 1939 construía-se a

maior emissora de África em ondas curtas (gama de 19 e 31 metros), de 10 quilovátios (kilowatts), na área da Matola^{xxxv}, com três torres de antena. Esta estação recebeu dois novos emissores, de 7,5 kw cada, em 1945. Oito anos mais tarde começam a ser distribuídos postos regionais (Nampula, Quelimane, Porto Amélia, etc.)^{xxxvi}. A transmissão em estereofonia passa a ser regular, no programa “C”, nos anos sessenta. As adições foram-se sucedendo^{xxxvii}, e em 1973 as transmissões eram feitas em 17 bandas^{xxxviii}, com a frequência variável de 737 a 15.295 Kc/s e de 98.010 Kc/s em VHS.

Outra obra de grande vulto foi o briosamente apelidado “Palácio da Rádio”; idealizada em 1937, planeada desde 1939, iniciada em 1948, estreada em 1951 (nos estúdios ainda em construção) e plenamente funcional em 1952. A nova sede foi construída num terreno concedido pela Câmara Municipal de Lourenço Marques, em sessão de 24 de Outubro de 1938. Situa-se ainda hoje na Rua do Rádio Clube (anterior Av. Miguel Bombarda), nas proximidades da Catedral, em frente ao Jardim Botânico. Em meados dos anos 50, «com a inauguração do Salão de Chá, em recanto sossegado e confortável do Palácio da Rádio, completaram-se as instalações de Lourenço Marques. Estas compreendem, além deste Salão, os escritórios [...], os Serviços de Produção [...], um estúdio principal com capacidade para 300 espectadores, um estúdio-capela, um estúdio para palestras e conferências, um estúdio para pequenos agrupamentos musicais, um estúdio para Rádio-Teatro, outro para as emissões do “Minuto da Amizade”, o qual serve ao mesmo tempo de sala de ensaios do coro Feminino, sete cabinas de locução, sala de escuta, sala de recepção das presses, Centro de gravação e montagens, Central Técnica, Central de condicionamento de ar, oficinas, serviço

de programas em línguas indígenas, serviços redactoriais, serviço de traduções, Discoteca com 70.000 discos, Arquivo Musical, Depósito de instrumentos musicais, consultório médico com sala de tratamentos e gabinete de radioscopia, sala de leitura para a secção de Teatro, gabinetes de chefes de orquestras, cabinas de audição, salas de visitas, salas de jogos, salão de festas e salas de ensaios dos cantores.»^{xxxix}

O RCM foi considerado "Instituição de Utilidade Pública" pela portaria número 7586 de 20 de Novembro de 1948. Contam-se, entre as suas "altas mercês", as seguintes: Oficial da "Ordem Militar de Cristo"; Medalha de Ouro da Câmara Municipal de Lourenço Marques; Título de Membro Honorário da "Ordem do Infante D. Henrique"; Placa de Prata da "Região de Nampula"; Placa de Prata do "Movimento Nacional Feminino"; Placa de Prata da Emissora Nacional, por ocasião da Visita Presidencial em 1964; e a Medalha de Prata do Instituto de Socorros a Náufragos.

No entanto, como é, infelizmente, habitual, foram necessários muitos esforços "escusados" para a expansão da rádio, como nos atesta Sousa Neves na sua homenagem a Nunes de Oliveira, devida ao apoio que este dera ao RCM dentro do Governo Geral de Moçambique^x: «Quando, há cerca de dois anos, o Rádio Club procurava obter dos poderes públicos autorização para instalar uma emissora de 10 quilowatts, que aproximasse, pelo convívio de todos os dias, os colonos de Moçambique, da Mãe-Pátria, surgiram dificuldades inesperadas, das que, entre nós, tantas vezes, impedem de frutificar, de atingir o seu pleno desenvolvimento uma obra iniciada com relevo, e contribuem, não pouco, para a injustíssima fama de que os portugueses não são capazes de levar a fim empreendimentos de vulto».

Sousa Neves indaga sobre «se os organismos de forma associativa são ou não os mais indicados para se ocuparem de empreendimentos de radiodispersão»^{xii}. A experiência que observa em Moçambique, na metrópole (com o congénere Rádio Club Português e dezenas de outras emissoras particulares), na América do Norte, no Brasil, na Holanda e na maior parte dos países, à parte a Rússia, Reino Unido e raros outros, leva-o a concluir pela afirmativa. Sousa Neves sustenta que, pela sua função social e cultural, pelo seu carácter dinâmico, flexível, gerador de entusiasmo e iniciativa, independente «de liames formalistas que tudo condenam à esterilidade», pelos desafios competitivos do mercado impulsionando uma incessante renovação, «a radiofonia não pode encontrar moldes mais próprios para o seu desenvolvimento do que os de carácter associativo,

sempre plásticos, vivendo de desinteresse monetário».

Os poderes públicos lucravam em larga medida com o RCM, não contribuindo generosamente para a prosperidade desta instituição de interesse nacional. Podemos observar o desenvolvimento financeiro do RCM através de Sousa Neves, no seu artigo "Rumo certo, rumo nosso"^{xiii}: «Sob o ponto de vista económico, o exame da experiência de seis anos mostra que o Estado, na Colónia de Moçambique, tirou notável proveito da solução associativa. / No ano de 1939, o Rádio Club despendeu 1.950 contos. Se houvesse, porém, que pagar o trabalho de mais de três dezenas de pessoas, – membros da Direcção e Delegados, – e de uma centena de componentes do Orfeão e coros, que prestaram, e prestam, os seus serviços com devotamento e inteira gratuidade, a verba teria sido deveras excedida. / A receita inicialmente insignificante (em 1932, a receita anual foi de Esc. 11.470\$00), subiu em seis anos, ao total de Esc. 3.538.629\$92. (A de 1938 está representada, nesse global, pela cifra de Esc. 1.789.458\$19). / Três são essencialmente as fontes dessa receita, todas, entretanto, de contribuição voluntária, sempre mais simpática ao público: a cotização dos associados, os anúncios das firmas portuguesas e estrangeiras e o produto da Rifa Anual. / Os subsídios concedidos pelo Governo da Colónia, Companhia de Moçambique, Caminhos de Ferro e Corporações Administrativas perfizeram todos somados, em seis anos, a quantia de Esc. 359.950\$31, ou seja apenas 10% da receita cobrada. / Os subsídios inscritos no Orçamento da Colónia totalizam, nos seis anos, 124 contos, e acrescidos dos do Caminho de Ferro, 246 contos. / Deu assim, o Governo da Colónia ao Rádio Club, desde a fundação até ao fim de 1938, 246 contos. / Em contrapartida o Rádio Club emite: - Programas de propaganda do Caminho de Ferro, que, pagos ao preço da tabela, em vigor, para os anunciantes, teriam importado, só no ano de 1938, em £ 1.692; - Programas de propaganda de Lourenço Marques e da Colónia, que a ser remunerada a sua radiodispersão, custariam £ 1950. Isto é: contra 246 contos que, em seis anos, deu ao Rádio Club, o Estado recebeu, só num ano e de serviços certos, cerca do dobro. / E, no sexénio, não menos do que dez vezes mais. / ...Sem contar os inúmeros avisos, editais e notícias, enviados das Repartições para conhecimento público, e que são gratuita, solícita e escrupulosamente radiodispersos, – em termos de nunca terem motivado a mínima reclamação dos Departamentos interessados. / Vejamos, agora, como, em resultado da actividade do Rádio Club de Moçambique, o Estado arrecada na Colónia, receitas avultadas. / A Portaria 3.188, de 3 de Novembro de 1937 estabeleceu a taxa de

licença sobre receptores e emissores de rádio. / Dessa origem a Repartição dos correios cobrou, no ano de 1938, a importância de 78.472\$00. / Raros foram os receptores importados na Colónia em 1932, ano da fundação do Rádio Club: os direitos aduaneiros respectivos somaram 91.600\$00.^{xiii}. / Em 1934 a cifra aumentou para 216.277\$00. De 1935 em diante, até 1938, enquanto o Rádio Club instala as suas três emissoras e conclui o equipamento radiofónico da Colónia, os números sobem, 392.310\$00 (em 1935), 577.954\$00 (em 1936), 563.160\$00 (em 1937) e 480.000\$00 em 1938. / Para se avaliar em quanto a actividade do Rádio Club influiu nesta receita do Estado, é preciso saber que, na Colónia, adquire-se um receptor de rádio para ouvir as emissoras de Lourenço Marques. / E, – diga-se de passagem, e a propósito, – o mesmo sucede em 90% dos casos, na União da África do Sul e nas Rodésias, onde, como referem os comerciantes desse ramo, raríssim[os] são os compradores que não põem como condição que o aparelho possa captar as emissoras do Rádio Club de Moçambique.» E termina, diplomaticamente: «Esta obra só foi possível pela feliz conjugação do esforço dos colonos com a boa vontade das autoridades. / O Governo da Colónia e o Poder Central repetidamente a protegeram e a auxiliaram. / O Rádio Club correspondeu com perfeita, leal e honesta cooperação, mantendo sempre uma patriótica defesa dos interesses da Colónia, a Bem da Nação. / Mas pode fazer-se muito mais, muito melhor, muito mais perfeito. / O ponto é que se persevere no rumo já experimentado, de mútua compreensão e de mútuo auxílio, e que tem a vantagem de ser rumo nosso, – porque a modalidade associativa em empresas de radiodispersão não a copiámos de estranhos.»

A pertinácia dos colonos de Moçambique criou uma grande máquina de informação e deleite. Governo, repartições da função pública, bancos, escolas, casas regionais e associações, praticamente todos os organismos utilizavam a rádio para comunicação das suas actividades. O RCM foi também importantíssimo como serviço utilitário, especialmente em acções humanitárias ou em casos de emergência. A nível cultural, as instituições locais mais importantes seriam o Núcleo de Arte, a Sociedade de Estudos, a Associação dos Velhos Colonos, a Associação dos Naturais da Colónia, as Casas Regionais e os clubes ou institutos dos diferentes grupos étnicos ou representativos de outros países.

O sucesso da rádio em Moçambique impulsionou o estabelecimento de instituições congéneres nas outras colónias portuguesas. O *Rádio Club de Angola* enviou cartas ao RCM pedindo informações

ou conselhos sobre diversos aspectos relacionados com a sua formação. Também da Índia, por officio da Comissão Municipal de Mormugão, o RCM recebeu pedidos de esclarecimento sobre a organização, material e experiência do trabalho realizado. A radiodispersão, se incluirmos o já experimentado Brasil, foi um modo de união entre as diferentes regiões de língua portuguesa. C. Campo, director da *Rádio Moçambique*, expunha, já em 1937, o desejo de se estabelecer uma “cadeia espiritual” particularmente forte no “Império Português”.^{xiv}: «Se por meios materiais a ligação não pode ser tão completa como seria desde já para desejar, restamos uma obra a realizar cuja importância alcança a própria razão de ser da concepção imperial. Essa obra é a ligação espiritual entre todos os territórios de forma a irmaná-los num pensamento único, num amplexo absoluto. De colónia para colónia, de mar para mar, precisamos de estender as mãos uns aos outros, e juntar as almas na mesma comunhão de ideias, na mesma aspiração erguida para Portugal. À volta do universo devemos formar a cadeia dos braços e do pensamento, cadeia que deve começar em Macau e acabar em Lisboa.» O som português do tamanho do Mundo.

i *Vinte e nove anos ao serviço das radiocomunicações de Moçambique*, Companhia Portuguesa Rádio Marconi, 1956.

ii Também aparece com a grafia “Clube”.

iii *Rádio Moçambique*, n. 49, 06-07/1939, p. 1. Texto inicial deste número da revista RM, especialmente dedicado à visita oficial a Moçambique do Presidente da República, General António Óscar de Fragoso Carmona. A viagem presidencial foi muito noticiada e aclamada, sendo indispensável o papel dos meios de comunicação. Curiosamente, já antes da sua chegada a Moçambique, o General Carmona pôde escutar a bordo do navio *Colonial* os discursos patrióticos de várias personalidades de relevo em Lourenço Marques, radiodispersados pela Emissora Nacional através de discos gravados no estúdio da RCM e enviados para Lisboa por via aérea.

iv Diploma Legislativo n.º 570 de 20 de Outubro de 1937.

v *Rádio Moçambique*, n. 49, 06-07/1939, pp. 23-24.

vi Os itálicos, nos textos citados, estão conforme o original.

vii Um decreto do governo, que permitia a designação de *Grémio* apenas aos grupos corporativos do Estado, obrigou anos mais tarde à mudança de nome do GRCM. A nova denominação de *Rádio Club de Moçambique* foi aprovada em Assembleia Geral, presidida pelo Capitão Luna de Oliveira, realizada a 29 de Julho de 1937 numa sala do Grémio.

viii *Rádio Moçambique*, n. 2, 06/1935, pp. 13-14.

ix Em meados de 1935 existiam 18 amadores emissores [*Rádio Moçambique*, n. 2, 06/1935, p. 8].

x *Rádio Moçambique*, n. 2, 06/1935, pp. 13-14.

xi Os estatutos foram aprovados pelo Governador Geral, Coronel José Cabral, com a portaria n. 1.723 [*História do Rádio Club de Moçambique*, 1959, p. 2].

xii *Rádio Moçambique*, n. 49, 06-07/1939, p. 5.

xiii *Rádio Moçambique*, n. 49, 06-07/1939, p. 43.

xiv Secção em inglês iniciada no número anterior, havendo também radiodifusão em inglês. Esta tradução era muito apreciada pelos países vizinhos que escutavam a estação moçambicana.

xv *Rádio Moçambique*, n. 13, 06/1936, pp. 4-5.

xvi *Rádio Moçambique*, n. 24, 05/1937, pp. 6-7.

xvii *Rádio Moçambique*, n. 15, 08/1936, p. 3.

xviii *Rádio Moçambique*, n. 18, 12/1936, pp. 3-4.

- xix *Rádio Moçambique*, n. 18, 12/1936, p. 19.
- xx Referente a Lourenço Marques.
- xxi Pode ler-se um exemplo num jornal do Natal: «*One can say, without any fear of contradiction, that Lourenço Marques is undoubtedly by far the most popular station in this continent, in fact one of the most, if not the most, popular of all stations on the air today*» [*Rádio Moçambique*, n. 49, 06-07/1939, p. 29].
- xxii *História do Rádio Clube de Moçambique*, 1959, p. 51.
- xxiii *Rádio Moçambique*, n. 18, 12/1936, pp. 3-4.
- xxiv *Rádio Moçambique*, n. 49, 06-07/1939, pp. 25-26.
- xxv *Rádio Moçambique*, n. 49, 06-07/1939, p. 33.
- xxvi *Rádio Moçambique*, n. 18, 12/1936, p. 12.
- xxvii O número de sócios em 1937 ascendia a cerca de mil. A quotização era uma boa fonte de rendimento, sendo utilizada no melhoramento dos meios técnicos, por exemplo.
- xxviii *História do Rádio Clube de Moçambique*, 1959, p. 12.
- xxix *Rádio Moçambique*, n. 18, 12/1936, p. 14.
- xxx *Rádio Moçambique*, n. 18, 12/1936, pp. 16-17.
- xxxi *Rádio Moçambique*, n. 18, 12/1936, p. 15.
- xxxii *Rádio Moçambique*, n. 49, 06-07/1939, p. 36.
- xxxiii A compra, aprovada em 15/02/1935, do emissor fabricado pela Collins Radio Company, de Nova Iorque, permitiu ao GRCM emissões de qualidade, marcando um progresso notável desde os seus primórdios. «*As características da nova estação eram as seguintes: "Collins", modelo 300 BA, com modulação da classe B, alimentação por corrente alterna 120/240, circuito de rectificação de corrente, circuito de cristal por duas válvulas em paralelo, duplicador de frequência em paralelo, com duas válvulas 46, segundo amplificador com 1 válvula 203 A, em "push-pull", e amplificador tipo Collins C 7.*» Em 1937 adquiriram nova emissora, também Collins 300 BA, mas com modificações: «*no novo modelo empregavam-se válvulas HF 200 ligadas em paralelo. A duplicação e quadruplicação de frequência feitas por comutador tornavam desnecessários substituir as bobinas nas harmónicas ou nas amplificações de frequência fundamental do mesmo cristal.*» [*História do Rádio Clube de Moçambique*, 1959, pp. 6, 10-11.]
- xxxiv As estações e respectivas antenas funcionam em diferentes potências e comprimentos de onda.
- xxxv A montagem do emissor de marca *Telefunken* foi concluída em Novembro de 1939. A estação da Matola, a treze quilómetros de Lourenço Marques, originária, com a construção do bairro urbanístico para os funcionários da estação, a Vila da Matola.
- xxxvi Com vista à expansão do seu serviço de radiodifusão, já em 1947 foram remodelados os Estatutos e aplicou-se a designação comum de "Rádio Moçambique" à futura rede de emissores regionais moçambicanos [*História do Rádio Clube de Moçambique*, 1959, p. 24].
- xxxvii Em Abril de 1955 foi negociada a compra do mais potente emissor de toda a África, de 100 kw, inaugurado no Centro Emissor da Matola a 6 de Agosto de 1956.. «*Este emissor foi destinado a servir vastas áreas a grandes distâncias, como a Metrópole, grande parte da Europa, Brasil, Estados Unidos, Canadá e as Províncias ultramarinas do Oriente – Índia, Macau e Timor.*» [*História do Rádio Clube de Moçambique*, 1959, p. 37.]
- xxxviii Em: 19, 25, 31, 42, 49, 60, 92, 201, 220, 245, 258, 278, 321, 327, 344, 384 e 407 metros.
- xxxix *História do Rádio Clube de Moçambique*, 1959, pp. 40-41.
- xl *Rádio Moçambique*, n. 49, 06-07/1939, p. 4.
- xli *Rádio Moçambique*, n. 49, 06-07/1939, p. 7.
- xlii *Rádio Moçambique*, n. 49, 06-07/1939, pp. 6-7, 10.
- xliiii No artigo "O Rádio Club – Fonte de receita para o Estado", Galvão de Magalhães aponta também números relativos às receitas públicas, determinados pelo incremento da importação de aparelhos receptores e pertences: o valor da importação ascendeu de 256 contos, em 1933, para 1.101 contos, em 1938 [*Rádio Moçambique*, n. 49, 06-07/1939, p. 33].
- xliv *Rádio Moçambique*, n. 24, 05/1937, p. 1.